



EXPRESSO/ATUAL – 13 de Dezembro de 2014

CAVALO DINHEIRO **de Pedro Costa**

O que há neste filme de arrebatadoramente sedutor não é uma história, não são personagens, é uma visão – Ventura a atravessar um filme como se descesse para as profundezas da Terra, da loucura, de um pânico antigo, indefinível, alucinado. Não sei como dizer, mas é um mergulho feito de farrapos de histórias que não são a Verdade, mas, vistas pelo olho na cabeça do poeta, serão uma verdade-outra, fantasmas na vida daqueles cabo-verdeanos que Pedro Costa continua a perseguir desde as Fontainhas, desde “No Quarto da Vanda” (2000) – obra-prima sem devir. E fantasmas, também do realizador, memórias de Abril e de uma Revolução onde um terceiro partido – Ventura e os seus – ainda não tinha encontrado lugar. Convém dizer – para não indrominar decepções – que “Cavalo Dinheiro” exige abertura de quem o vê e que o espectador não pode querer que ele lhe dê o que ele não tem. Mas olhe-se para aqueles rostos antigos – a negritude como uma Humanidade ancestral, primeva, épica – veja-se o trabalho sobre a luz – há planos que devem ter demorado dias a apurar – deixe-se a mente invadir pelos sentidos que o filme esparge e ter-se-á uma experiência fílmica inolvidável. Um dos melhores filmes do ano. **Jorge Leitão Ramos**

